

24h*

NO PRÓXIMO ANO, A CELEBRAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA COMPLETARÁ 200 ANOS DE MUITA FESTA

FOTOS DE NARA GENTIL



“Fizemos isso para celebrar a aldeia dos caboclos, que é união. E como bons camaradas, nós estamos aqui hoje para buscar os nossos camaradas que há dois anos a gente não via. Vimos agradecer por estarmos vivos, pelos grandes médicos e pela saúde”, contou Rodrigo.

Na passagem pelas ruas do Centro Histórico, o cortejo passou agitando a multidão e atraindo mais pessoas para a caminhada, ao som do samba enredo É Hoje, seguindo assim até o Pavilhão da Lapinha. Moradores já aguardavam ansiosos na janela de casa, e a praça da Lapinha ficou cheia de gente.

Maria das Graças, 52, que acompanha o cortejo todos os anos, não pode fazer o mesmo desta vez. Mas nem por isso deixou de acompanhar a chegada dos caboclos. “Desci, porque de casa não é a mesma emoção. A nossa história precisa ser celebrada, por isso eu faço questão de acompanhar. Este ano não deu, mas a minha presença na hora da entrada dela [Cabocla] não vai faltar. Também trouxe minha neta, para que ela já saiba desde cedo, quem nós somos”, conta Maria.

As imagens foram recebidas em meio a aplausos e gritos da plateia que já os aguardava, assim como da-queles que vieram acompanhando o cortejo. Todos entoavam o hino da Bahia. Antes da entrada dos caboclos no galpão, eles receberam banhos de pipoca e doces. Duas pombas brancas e fogos de artifício encerram a cerimônia.

Assim, a população devolveu os carros emblemáticos ao Pavilhão 2 de Julho, onde ficarão guardados até os festejos do ano seguinte. Em 2023, o evento completará 200 anos. Para Fernando Guerreiro, presidente da Fundação Gregório de Matos, órgão da prefeitura de Salvador responsável pelos festejos da Independência do Brasil na Bahia, o retorno das comemorações após dois anos marca a celebração do bicentenário.

“Eu diria que esse Dois de Julho é um marco duplo. Primeiro por marcar a volta das comemorações e segundo porque abre esse grande evento pelos 200 anos. Então é muito emocionante que tudo tenha dado certo”, comemorou o gestor. Ainda de acordo com Guerreiro, a partir do ano que vem, o Galpão do Dois de Julho será transformado em um memorial que poderá ser visitado o ano inteiro.

EMILLY TIFANY OLIVEIRA, COM ORIENTAÇÃO DA SUBCHEFE DE REPORTAGEM MONIQUE LÔBO



A EMOÇÃO E A ALEGRIA DO RETORNO

A cabocla e o caboclo estão de volta à Lapinha. Da saída do Largo do Campo Grande até a chegada ao Pavilhão Dois de Julho, não faltaram soteropolitanos para acompanhar o cortejo mais acelerado, que marca o encerramento dos cinco dias de comemorações da Independência da Bahia.

“Isso aqui é uma coisa linda. Estávamos todos com saudade de ver os nossos guerreiros de perto, de sentir a energia do povo e festa que a gente faz, mesmo em uma ter-

ça-feira. É muita tradição e vontade de viver cada minuto dessa história”, afirmou Estela Assiz, 48, aguardando a saída dos caboclos, no Campo Grande. No local, dezenas de admiradores faziam um esquentar antes do cortejo. Às 18h20, a Orquestra do Maestro Reginaldo de Xangó, que há mais de 25

anos integra a programação, anunciou o início da caminhada.

“É sempre uma emoção o cortejo da volta dos caboclos, porque é o momento em que realmente é uma manifestação popular. Não há disputas. Aqui todo mundo está junto, no mesmo ritmo, com a mesma camisa e um só objetivo: levar de volta os nossos heróis populares”, destacou Rita Barbosa, responsável pela fanfarra.

A percussão saiu à frente e os caboclos logo atrás, acompanhados de perto pelo grupo de Rodrigo Guedes, de 33 anos. Ele e outros 10 amigos se juntaram em 2019 para acompanharem o cortejo de retorno, sempre padronizados. Eles usavam camisas com a imagem dos indígenas símbolos de resistência da Bahia.

1 Até 2023

Mais rápida e descontraída, a volta dos caboclos sai do Campo Grande com destino ao Pavilhão Dois de Julho, na Lapinha

2 Música

A orquestra do Maestro Reginaldo de Xangó animou o cortejo, que atraiu uma multidão às ruas

3 Lembrança

Na saída, no Campo Grande, muitas selfies com o Caboclo e com a Cabocla na festa que já entra pra história como a do retorno da pandemia